

Trindade Coelho – *O Senhor Sete – Histórias tradicionais portuguesas*, Lisboa, Vega, 1993

1. Quase todos identificam o nome de Trindade Coelho com *Os Meus Amores*, obra ainda hoje muito apreciada e lida, tanto mais que constou até há pouco do programa de Português do 7.º ano de escolaridade. No entanto, essa não é a única obra do autor, que de resto repartiu a sua atenção por outros *campos*, nomeadamente pela etnografia e pela educação popular.

Em 1891, no mesmo ano em que sai a primeira edição do seu volume de contos, Trindade Coelho inicia, no *Popular*, a publicação de matéria folclórica. Durante cerca de dez anos – noutros jornais e revistas, como *Repórter*, *Tribuna* e *Tradição* – o autor dará continuidade a esta tarefa de defesa e divulgação do património oral português, que não pode ser vista como estando desligada da sua actividade literária propriamente dita. Na verdade, *Os Meus Amores* evidenciam uma clara influência dos seus estudos folclóricos, como tem sido notado pelos especialistas. Obra de evocação saudosa do campo – associada a uma idealização que constitui uma das suas limitações –, essa colectânea impõe-se pelo seu estilo vivo e simples, relativamente próximo da tradição oral, ainda que o autor não tenha sabido – ou querido – aproveitar integralmente a riqueza dos textos que recolheu e de que se viria a servir parcialmente em alguns dos contos.

Trindade Coelho dava nessa altura os primeiros passos na direcção de um nacionalismo literário de tipo folclorizante, que reivindicava o legado de Garrett e que orientará um conjunto de escritores geralmente designados como Geração de 90. O autor transmontano seguirá contudo um caminho relativamente distinto dos seus companheiros de ideário, traduzido sobretudo no seu amor pelo povo, que – embora poetizado – comparece efectivamente nos seus textos. É essa singularidade

que nos ajuda a compreender a segunda fase da sua obra, marcada por assim dizer por uma passagem do plano contemplativo para o plano da acção, que o conduz a uma visão do povo substancialmente diferente. Livros como *A minha candidatura por Mogadouro* ou *Manual político do cidadão português* – assim como a intensa campanha em que se envolveu a favor da alfabetização popular, elaborando inclusive alguns manuais de apoio, onde recorre com frequência a textos da tradição oral – mostram-nos, apesar das contradições e de algum simplismo, um Trindade Coelho bem mais lúcido, capaz de detectar, discutir e propor soluções para os problemas essenciais do país, segundo uma orientação que revela uma clara simpatia pelos ideais socialistas. O povo, encarado agora numa perspectiva que nada tem de idealismo, é a sua principal preocupação, bem traduzida na defesa enérgica da instrução e da educação como instrumentos de consciencialização e de resistência à opressão económica e socio-política.

2. Levando em linha de conta esta breve apresentação do autor, estamos agora em melhores condições de compreender a obra que estará em apreço, *O Senhor Sete*.

Este volume reúne recolhas de literatura oral e artigos de temática folclórica que Trindade Coelho foi publicando em diversos periódicos. Dado que essa circunstância foi estranhamente omitida, convém desde já declarar que esta edição da Vega é uma segunda edição, que reproduz integralmente a que foi publicada em 1961 (por ocasião do primeiro centenário do nascimento de Trindade Coelho) pela Portugália Editora, sob a responsabilidade de Augusto da Costa Dias. É de estranhar igualmente que o nome deste investigador não seja mencionado na folha de rosto e que a mera reprodução da edição anterior tenha ido ao extremo de – numa das notas onde é feita uma referência a determinada parte da obra – ser conservada a paginação da 1ª edição!

Apesar destes aspectos – que apenas prejudicam a seriedade da editora – é indesmentível o interesse e a oportunidade desta reedição. No período que atravessamos de redescoberta dos nossos primeiros folcloristas e etnógrafos, importa de facto que o nome de Trindade Coelho não seja esquecido.

3. A parte principal deste volume – justamente aquela que corresponde ao curioso título – resulta de um projecto anunciado pelo autor em 1901, mas nunca inteiramente concretizado. Tratava-se da recolha de todo o tipo de textos da literatura oral (quodras, adivinhas, provérbios, romances, contos...) em que o número sete estivesse presente. A publicação do material que Trindade Coelho chegou a coleccionar foi feita na revista *A Tradição*, entre Março de 1900 e Abril de 1901. A edição póstuma baseia-se pois nesse periódico, tanto mais que o manuscrito encontrado por Augusto da Costa Dias só oferece – segundo o testemunho do investigador – a novidade de algumas variantes poéticas e um texto inédito.

É bem conhecida a surpreendente importância do número sete em quase todas as civilizações, antigas ou contemporâneas, e nos mais variados domínios da vida humana. Bastará recordar que sete são os dias da semana, que cada período lunar dura sete dias, que são sete as notas da escala musical e as cores do arco-íris... E, se há várias obras que procuram fazer o levantamento desta representatividade e até ensaiar uma interpretação simbólica, poucas vezes tem sido prestada uma atenção sistemática à cultura e à literatura oral contemporâneas. Adquire por isso especial interesse esta tentativa de Trindade Coelho, apesar do seu carácter inacabado.

As quodras constituem o domínio quantitativamente mais representativo desta recolha. A principal temática – como é característico do cancionero popular – é de natureza amorosa, podendo apresentar orientações muito diversas, que vão do lirismo mais puro à ironia jocosa ou satírica: «O Setestrello tem sete,/ Vós, menina, tendes duas,/ Alumiam mais as vossas/ Que o setestrello as suas» (p. 29); «Já me

davam dez moedas/ E sete almudes de azeite,/ Pra casar com uma donzela/ Que há sete anos que dá leite» (p. 23).

Outras surpreendem pela limpidez da imagem: «Setestrela vai em pino,/ E o cajado vai virando,/ As ovelhinhas de Deus,/ A volta que vão levando» (p. 30), ou pela abordagem de curiosos preconceitos tradicionais, como aquele de que são vítimas os alfaiates: «Setecentos alfaiates/ Todos postos em campanha/ com agulhas e alfinetes/ Pra matarem uma aranha» (p. 42); «Aqui del-rei quem acode/ Ao fogo de Santarém,/ Acudam os alfaiates/ Enquanto os homens não vêm!» (p. 44).

Algumas das quadras apresentadas são simples variantes, aspecto que parece ter sido ignorado pelo responsável da edição, uma vez que optou por dispô-las muito afastadas entre si.

Esta recolha inclui ainda expressões («fechar a sete chaves», «os sete buracos da cara...»), provérbios («A raposa tem sete manhas, e a mulher tem manha de sete raposas» ...), rimas e jogos infantis, superstições, etc.. A alguns destes textos dedica o autor um comentário, que tanto pode apresentar um cunho erudito (referências mitológicas, citações literárias ...) como etnográfico ou autobiográfico. Por vezes, o interesse do comentário é superior ao do texto recolhido. Tal é o caso da anotação ao provérbio «Mula de padre guarda um coice sete anos», a propósito do qual Trindade Coelho conta uma piada sobre os clérigos e as senhoras suas amas.

4. Mas, como ficou dito no início, este volume inclui outras recolhas que o autor levou a cabo e divulgou nas páginas dos jornais e revistas de que era colaborador. Assim, temos também um pequeno *Cancioneiro Transmontano*, onde podemos encontrar uma declaração de amor traduzida num curioso quadro comparativo: «A açucena c'ó pé n'água/ Pode estar quarenta dias,/ Eu sem ti nem uma hora/ Que fará noites e dias» (p. 94).

Temos ainda um *Cancioneiro Popular* e uma *Miscelânea Folclórica*, que engloba uma praga, uma receita de culinária, adivinhas, contos (três dos quais

viriam a ser incluídos na 3.<sup>a</sup> edição de *Os Meus Amores*) e alguns curiosos epitáfios burlescos, como este, recolhido no cemitério de Ovar: «Ó Bós que por i paçais/ E Nem não Bus admirais/ Pois a menina não está moperta/ Está sim ambsorpeta/ Na manção dos Infinaes» (p. 115).

Nessa *Miscelânea* há também lugar para a reflexão sobre os efeitos do tempo na tradição, que Trindade Coelho avalia de forma catastrofista:

Desde que a filoxera da política por lá [província] entrou a grassar, o gamão na botica, os serões à lareira, as cavaqueiras no adro, tudo isso, e o mais, que era dantes uma delícia, e que eu, não sendo velho, ainda apanhei tende a desaparecer! Por este caminho, duas gerações bastam para anular pelo esquecimento a obra de muitas. É preciso reagir por todas as formas contra semelhante vandalismo; e essa missão compete, principalmente, aos escritores e aos artistas (...) (p. 121).

Os dois últimos capítulos do volume, prolongando esta linha de reflexão, abrangem artigos de doutrinação que se integram no nacionalismo literário da Geração de 90 e textos diversos sobre a tradição e a antinomia cidade / campo.

5. Embora – comparativamente com outras figuras suas contemporâneas – o contributo de Trindade Coelho para a etnografia portuguesa tenha sido relativamente modesto, consideramos importante qualquer esforço desenvolvido no sentido de pôr novamente em circulação activa essa vertente da sua obra, até pelos esclarecimentos que traz relativamente ao seu trabalho literário. Por isso, esta reedição de *O Senhor Sete* constitui uma iniciativa que vivamente se saúda, até pela oportunidade que representa de discutir o conceito nacionalista de tradição que o seu autor defendia, assim como as suas ideias sobre o aproveitamento pedagógico dos textos da tradição oral. É que a reedição deste e de uma série de outros textos

similares de autores do mesmo período parece responder menos a uma necessidade da comunidade científica do que a determinadas tendências – não muito nítidas ainda, mas a que convém estarmos atentos – do conjunto da nossa sociedade actual, que revela uma particular receptividade a este tipo de orientações.

*Francisco Topa\**

---

\* Publicado em *Encontros*, n.º 1, Porto, Sociedade de Estudos e Intervenção Patrimonial, 1995, pp. 146-147.